

RELAÇÕES ENTRE SIGNIFICADO, MANEJO DO DINHEIRO E QUALIDADE CONJUGAL NO INÍCIO DO CICLO FAMILIAR

Cláudia Mara Bosetto Cenci

Psicóloga, Doutoranda em Psicologia Clínica da PUC/RS, Professora da Faculdade Meridional.
E-mail: <claudia.cenci@imed.edu.br>.

Luisa Fernanda Habigzang

Doutora em Psicologia. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC/RS.
E-mail: <habigzang.luisa@gmail.com>.

RESUMO

Estudos a respeito de dinheiro e qualidade conjugal indicam ser esta uma relação complexa, nem sempre explícita, mas inerente às relações conjugais atuais. O presente estudo de revisão narrativa da literatura tem por objetivo investigar relações entre manejo e significado do dinheiro e qualidade conjugal na fase inicial do ciclo vital familiar. A literatura aponta para correlações entre esses três aspectos e comprova que a maneira como o casal maneja o dinheiro interfere no grau de sua qualidade conjugal. O artigo aborda inicialmente características do casal na fase inicial do ciclo vital familiar e, na sequência, apresenta os aspectos referentes ao que constitui a qualidade conjugal. Por fim, aborda o significado e o manejo do dinheiro por casais na fase inicial do ciclo vital familiar e as possíveis relações com a qualidade conjugal.

Palavras-chave: casamento, dinheiro, conjugalidade

INTRODUÇÃO

O dinheiro configura-se num objeto desejado pelas pessoas em razão da representação de poder que existe em torno dele. Com ele, pode-se adquirir bens de interesse, ter acesso a diferentes serviços e tecnologias, além de estar presente nas diversas relações interpessoais e, como não poderia ser diferente, nos relacionamentos conjugais. No início da relação amorosa, os gastos estão relacionados mais diretamente a aspectos como encontros amorosos, presentes e viagens românticas. Entretanto, com o transcorrer da relação e com a formalização do vínculo conjugal, as demandas financeiras tornam-se mais evidentes, as prioridades mudam e os cônjuges se deparam com os gastos relacionados ao gerenciamento do

lar, à aquisição de patrimônio e, posteriormente, ao cuidado dos filhos. É nesse momento da relação conjugal que o casal intensifica seu diálogo sobre o que cada um pensa sobre as prioridades para o emprego do dinheiro. Também é nesse momento que podem se explicitar divergências mais significativas, pois o dinheiro é um objeto carregado de simbolismos individuais, nem sempre compartilhado na conjugalidade, podendo gerar insatisfação na relação conjugal (Capriles, 2005; Madanes & Madanes, 1997).

O início da relação conjugal coincide, na maioria dos casos, com aspectos desenvolvimentais individuais que marcam a fase inicial da idade adulta. O processo de transição do jovem para a fase adulta possui sua complexidade e tal transição caracteriza-se inicialmente pelo afastamento gradual da sua família de origem, pelo investi-

mento no trabalho ou na formação profissional, pela entrada no mercado de trabalho, independência financeira, autonomia gradativa e possibilidade de formar seu próprio núcleo familiar. Entretanto, no cenário atual, evidenciam-se processos de negociação dos papéis entre pais e filhos dentro do núcleo familiar tendo, assim, a possibilidade de combinarem autonomia e dependência financeira. No passado, tornar-se adulto caracterizava-se pela independência financeira e emocional com relação à família de origem. Todavia, atualmente, é possível ser adulto e ter autonomia, não sendo completamente independente em termos financeiros (Borges & Magalhães, 2009).

Diante da constituição de uma família, o jovem casal encontra-se num período de adaptação, acomodação e conhecimento do funcionamento conjugal relacionado a várias questões do cotidiano e, ao deparar-se com as demandas da vida adulta, terá necessariamente que refletir e tomar decisões. Essa nova situação tende agora a ocorrer não mais com o respaldo da família de origem e tais decisões incluem o manejo do dinheiro, o que estará em pauta, seja de forma implícita ou explícita (Borges & Magalhães, 2009).

O aspecto relacionado ao significado do dinheiro encontra-se na base de toda a vida conjugal e familiar, pois a força secreta do dinheiro reúne a todos (irmãs e irmãos, jovens e velhos) em nome do amor, da vaidade, da paixão ou da raiva. O dinheiro é utilizado dissimuladamente na luta pelo poder dos cônjuges, com os pais ou filhos e é por meio dele que as pessoas experimentam desejos, anseios de confiança, necessidade de vingança e de retribuição (Madanes & Madanes, 1997). O dinheiro é o portador simbólico da mais elementar angústia relacionada à sobrevivência e advém desse simbolismo o medo de não ter dinheiro. Sendo assim, muitas pessoas se impõem atividades profissionais não desejadas para amenizar a ansiedade e garantir a segurança (Capriles, 2005).

O amor e o dinheiro aparecem em nossa sociedade como polos ao redor dos quais a vida gira. A sociedade do dinheiro faz surgir uma nova modalidade de amor que é edificada numa época em que este amor não se sustenta sem a base do dinheiro. É um amor que não se sustenta se as pessoas conectadas a ele não tiverem condições cotidianas de sobrevivência, o que só parece possível por meio do dinheiro. Não basta apenas amor, é preciso ter condições de arcar com as necessidades do ser amado ou, pelo menos, de colaborar com o próprio sustento (Russo, 2011).

Esta revisão narrativa da literatura objetiva investigar relações entre manejo e significado do dinheiro e qualidade conjugal na fase inicial do ciclo vital familiar, pois a fase inicial da relação conjugal e familiar representa uma etapa de acomodação e ajustes que pode ser conflituosa e afetar a qualidade conjugal. A revisão aborda três aspectos, a saber: (1) a caracterização do casal na fase inicial do ciclo vital familiar, por ser um período em que inicia o processo de construção da identidade conjugal; (2) os fatores identificados como determinantes para a qualidade conjugal; e, (3) o significado e o manejo do dinheiro por casais e as possíveis relações com a qualidade conjugal.

O CASAL NA FASE INICIAL DO CICLO VITAL FAMILIAR

O ciclo de vida familiar constitui-se por fases que se desenvolvem interligadas à história de vida do indivíduo. Como a família é composta por membros em diferentes fases ocorre uma sobreposição de etapas no desenvolvimento do ciclo de vida familiar (Carter & McGoldrick, 1995). A transição de uma fase para outra não acontece de forma linear e implica uma reorganização de todas as pessoas do núcleo familiar. As autoras referem seis estágios do ciclo de vida familiar. São eles: (1) jovem solteiro; (2) família sem filhos; (3) família com crianças; (4) família com adolescentes; (5) família no meio da vida; (6) família no estágio tardio. Atualmente existe uma fluidez muito maior nessas etapas relatadas acima, assim como sobreposições das mesmas devido a questões socioeconômicas e culturais.

No Brasil, Cerveny et al. (1997) e Cerveny e Berthoud (2002) estudam o ciclo vital da família, subdividindo tal ciclo em quatro fases: de aquisição, adolescente, madura e última. A fase de aquisição caracteriza-se como um período de adaptação à conjugalidade, ao exercício da paternidade/maternidade e à vida do casal com filhos pequenos. Configura-se como processo de constituição da família, da aquisição de bens materiais, de construção dos padrões de interação relacional e pela reorganização do sistema devido à definição e à adoção de novos papéis dos membros envolvidos no estilo de vida familiar que se inicia. Nas sociedades contemporâneas, sobretudo nas camadas socioeconômicas médias, este período do desenvolvimento evidencia um modelo idealizado

de parentalidade, em que ambos os pais trabalhem e consigam ser provedores e cuidadores para que, mesmo individualmente, tenham condições de garantir as necessidades básicas do filho. Tal ideal torna esta fase ainda mais complexa, pois requer um equilíbrio entre os ideais financeiros e conjugais (Matos & Magalhães, 2014).

Os objetivos dessa fase orientam-se para a busca de um lugar para morar, de um emprego que possibilite condições de sobrevivência, de acessórios domésticos que facilitem a vida, de carro, de seguro saúde e, por vezes, de complementação educacional. Engloba o período da união do casal até a entrada dos filhos na adolescência. O “eixo propulsor dessa fase são as definições de um modelo próprio de família, a aquisição da parentalidade e os objetivos comuns” (Cervený & Berthoud, 2009, p. 26).

A família em fase de aquisição depara-se com a vivência de conflitos e novidades de uma geração em transição, uma vez que os pais vão envelhecendo e os filhos crescendo e constituindo novos núcleos familiares. Berthoud (2002) destaca que tal fase é marcada também pela inserção em um ambiente social no qual há uma pluralidade de modelos conjugais, o que gera a necessidade de os casais buscarem desenvolver uma identidade própria na convivência diária. Esta autora descreve três processos complexos que envolvem aspectos estruturais e dinâmicos vivenciados nesse período, quais sejam: (1) unindo-se, (2) construindo a vida a dois e (3) vivenciando a parentalidade.

O primeiro deles, o *unindo-se*, diz respeito ao período inicial de construção de uma nova família. A conquista é parte desse processo, pode durar dias ou muitos meses e compreende o investimento na relação, o apaixonamento, o estreitamento dos laços afetivos, a análise das diferenças e do sentimento de medo de aproximação mútua. A vivência inicial da união compreende o processo de formação do novo casal, envolvendo sentimentos ambivalentes, como despedida do núcleo familiar, manutenção da independência, realização do casamento como um sonho, negociação de valores, estilos de vida e o espaço de cada um na relação. A preparação se caracteriza pelo processo de efetivamente pensar, decidir e planejar a união, mediante o qual o casal estabelece metas sobre o estilo de vida que deseja ter. A adaptação caracteriza-se pelo processo emocional vivenciado pelo casal nos meses iniciais da união e de coabitação. Nesse momento, o casal

estabelece as fronteiras com as famílias de origem (proximidade e afastamento).

O segundo processo, *construindo a vida a dois*, envolve negociação, readaptação e surgimento de novos sentimentos em função de tal construção. Foi subdividido do seguinte modo por Berthoud (2002): (a) na vivência de um tempo de adaptação, caracterizado pelo sentimento de ambivalência, estranhamento, insegurança, prazer e desafio, principalmente por casais de primeira união; (b) no iniciar a família mediante o movimento psicológico de edificação do núcleo familiar. Os principais desafios desse momento são a elaboração de um novo padrão de relação entre os cônjuges, divisão do espaço físico e emocional e negociação sobre a administração financeira; (c) no relacionamento com a família de origem no qual estão presentes inúmeras vivências psicológicas para o estabelecimento de fronteiras nítidas em relação a ela, reavaliação dos valores, papéis e rituais trazidos das famílias de origem de cada cônjuge para a mútua adaptação no novo casal; (d) no relacionamento social mediante a configuração a rede de relação conjugal que ocorre após a união, ou seja, em padrões de relacionamento estabelecidos com amigos e conhecidos; (e) na vida sem filhos motivada pelos sentimentos de liberdade e independência dos cônjuges e que tendem a postergar a vinda do primeiro filho. Nesse caso, há a busca da maturidade emocional e de estabilidade profissional e financeira de ambos os cônjuges antes de terem filhos.

O terceiro processo, *vivenciando a parentalidade*, tem início com o desejo e a decisão de ter filhos, ou com uma gravidez inesperada e não interrompida. São muitos os questionamentos com que o casal depara-se nessa fase, tais como: ter ou não ter filhos, ter um filho sozinho ou assumir uma relação, optar entre dedicar-se à carreira profissional ou ao filho. Independentemente da decisão tomada, o casal poderá deparar-se com sentimentos antagônicos, vivência de readequação de papéis conjugais, reaproximação com a rede familiar e exercício da parentalidade (Berthoud, 2002).

Por vezes, as famílias em fase de aquisição revelam-se tradicionais no que concerne a conflitos relacionados a assuntos como o dinheiro e satisfação profissional. É o caso de uma pesquisa realizada com 50 famílias de classe média na fase de aquisição do ciclo vital da família da cidade de Vitória - ES, realizada por Ronchi e Avellar (2011) e que evidenciou que as famílias pesquisa-

das mostraram-se mais tradicionais. No que diz respeito aos resultados sobre o relacionamento do casal em fase de aquisição, o estudo evidenciou os seguintes aspectos: (a) interação do casal: 88% referiram que a relação atual do casal é amorosa; 10% afirmaram que a relação amigável e 2% entendem como desrespeitosa; (b) diálogo: 94% referiram haver diálogo constante, 4% referiram diálogo difícil e 2% falta de diálogo; (c) vida sexual do casal: 70% afirmaram que é muito boa, 22% classificaram-na como razoável e 4% referiram ser abaixo das expectativas; (d) principal objetivo do casamento atualmente: 60% referiram ser a união do casal e formação da família; 22% companheirismo e cuidado mútuo; e 8% vivem para enfrentar mudanças; (e) lazer do casal: priorizam o lazer conjunto com grande frequência e ainda se permitem programações em separado; (f) o que há de melhor na relação do casal: amor (44,9%), companheirismo (24,5%) e objetivos de vida em comum (16,3%). Os casais referiram não enfrentar dificuldades (42,9%), mas os que a relataram, salientam dificuldades principalmente quanto à vida profissional (26,5%) e ao dinheiro (18,4%) (Ronchi & Avellar, 2011).

Um aspecto importante para a manutenção de um relacionamento conjugal (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006) diz respeito ao nível de qualidade que os cônjuges possuem com sua relação. A complexidade inerente ao conceito de qualidade conjugal e da vivência de uma relação conjugal bem-sucedida é ponto de indagação tanto para o casal no seu cotidiano conjugal quanto para pesquisadores que pretendem investigá-la. Tal complexidade evidencia-se na falta de clareza conceitual, o que pode levá-los a incorrer em aproximações pouco precisas e que se confundem com conceitos associados ao de satisfação, tendendo a compreendê-lo como ajustamento conjugal.

QUALIDADE CONJUGAL

Evidencia-se existir uma dificuldade na conceituação teórica da qualidade conjugal, pois esse esforço configura-se num construto com uma longa e controversa história. Um contributo importante nesse sentido é o modelo denominado *Vulnerability Stress Adaptation* (Karney & Bradbury, 1995) que refere-se à integração das *Teorias do Apego, da Crise e Comportamental*. Tal mode-

lo sustenta que os casais precisam adaptar-se aos eventos estressantes e circunstâncias inesperadas que irão ocorrer no curso da vida a dois. A capacidade adaptativa do casal a esses acontecimentos dependerá do nível de estresse que eles experimentam na convivência e das características prévias que cada cônjuge trará para a vida marital. O modelo salienta a importância de três grupos de variáveis que se influenciam mutuamente e devem ser entendidos de forma integrada e que definem a qualidade conjugal, são elas: (1) o contexto, que diz respeito ao contexto relacional dos casais e às situações estressantes geradas por este, tais como doenças, desemprego e problemas familiares; (2) recursos pessoais dos cônjuges, que referem-se às experiências decorrentes da convivência com as famílias de origem, ao nível educacional dos cônjuges e às características de personalidade; e (3) processos adaptativos, que concernem à capacidade dos cônjuges para superar os desafios oriundos do contexto circundante e para a adaptação a esses desafios (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006).

A dificuldade na delimitação do conceito qualidade conjugal é proveniente da subjetividade implícita na avaliação de cada participante sobre o que considera ser satisfatório em um casamento, da multiplicidade de escalas criadas para mensurar a qualidade conjugal e, como há pouca clareza conceitual, dos instrumentos utilizados nas pesquisas por não produzirem resultados consistentes (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006). As autoras referem que qualidade conjugal não pode ser definida simplesmente pela avaliação dos cônjuges sobre seu matrimônio. Ela é resultado de um processo dinâmico e interativo vivenciado na conjugalidade e que resulta na avaliação que cada cônjuge possui do nível de qualidade da sua união. O conceito qualidade conjugal é vulnerável a todas as variáveis que compõem sua definição, em especial o contexto, os recursos pessoais dos cônjuges e os processos adaptativos.

A qualidade relacional dos cônjuges avaliada como satisfatória configura-se num fator de proteção familiar, pois o casal que convive numa relação considerada por ele satisfatória apresenta maiores níveis de saúde física e emocional, maior estabilidade econômica e melhores níveis de saúde mental dos filhos (Mosmann, Zordan, & Wagner, 2011). Pode-se também buscar uma correlação entre qualidade conjugal e os elementos do amor. Esta correlação foi investigada por Rizzon,

Mosmann e Wagner (2013), com base em Sternberg (1988), e os resultados dessa pesquisa evidenciaram que a qualidade conjugal foi avaliada de forma heterogênea e o componente dominante foi o da decisão de estar casado e o compromisso de manter-se como tal. As autoras identificaram uma tendência dos participantes da pesquisa (102 sujeitos, 52 do sexo masculino e 50 do sexo feminino da capital e do interior do Rio Grande do Sul) de valorizar sua relação quando se sentem satisfeitos e comprometidos, porém evidenciaram carência de intimidade e paixão. De acordo com a discussão destes resultados, esse dado era esperado em função da rápida queda do elemento paixão nas relações conjugais. Todavia, os baixos escores no elemento intimidade sugerem fragilidade em termos funcionais dessas uniões. Logo, questionam: “o alto índice de Decisão / Compromisso é uma estratégia compensatória para trazer segurança à estrutura carente de solidez que a intimidade proporciona?” (p. 47).

Cabe ressaltar que a satisfação absoluta em um relacionamento é uma expectativa irreal e um ideal inatingível (Rizzon, Mosmann, & Wagner, 2013). A qualidade é resultante de uma complexa teia estruturada a partir de sentimentos de paixão, intimidade e compromisso, bem como da realidade contextual dos casais, dos recursos pessoais dos cônjuges e da maneira como os mesmos lidam com os dilemas inerentes à vida e ao relacionamento conjugal. O relacionamento conjugal mutuamente satisfatório não se caracteriza, necessariamente, pela ausência de conflito e, sim, pela capacidade do casal de lidar com estes e de negociar com o cônjuge em situações de discordância (Bolze, Crepaldi, Schmidt, & Vieira, 2013).

As variáveis que devem ser investigadas na avaliação da qualidade conjugal foram enumeradas por Pergher (2010) com o objetivo de elucidar aspectos que devem ser considerados quando o tema qualidade conjugal é foco de reflexão, principalmente com casais que buscam atendimento clínico. São elas: (1) os motivos do início do relacionamento; (2) o histórico de relacionamentos de cada cônjuge; (3) a forma de divisão financeira; (4) as diferenças de idade entre os cônjuges e das culturas de ambos; (5) o grau de intimidade conjugal; (6) as práticas sexuais; (7) os padrões de interação entre os cônjuges; (8) a existência de outras fontes de reforçamento extracônjuge (relações com amigos/esportes); (9) o impacto das traições; (10) os efeitos decorrentes de doenças

em um dos cônjuges; (11) as decisões relacionadas aos filhos; (12) os planos de vida conjuntos; e (13) os aspectos relacionados à separação.

A qualidade conjugal é um objetivo cada vez mais almejado pelos casais (Scorsolini-Comin & Santos, 2010). Trata-se de um tema complexo em razão da atual configuração dos vínculos conjugais e do desejo dos casais de construir relações afetivas que os cônjuges avaliem como satisfatórias. Nessa perspectiva, verifica-se necessidade da compreensão do contexto do casamento em nosso país, que deve transcender termos estatísticos ou demográficos, uma vez que implica avaliar o papel do casamento na sociedade e na estrutura dos relacionamentos estabelecidos pelas pessoas. Com base em uma revisão integrativa da literatura científica nacional (bases de dados LILACS e SciELO, 1970-2008), Scorsolini-Comin e Santos (2010) referem que a satisfação no relacionamento diádico está positivamente associada à saúde e à qualidade de vida, principalmente nos anos de maturidade e velhice.

Scorsolini-Comin e Santos (2011) investigaram também a correlação entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade, a *Dyadic Adjustment Scale* e a Escala de Satisfação Conjugal, e destacaram que, ao avaliar um relacionamento conjugal, os cônjuges avaliam subjetivamente sua satisfação com relação ao casamento e também com relação ao parceiro conjugal. Na amostra por eles investigada, participaram 106 pessoas legalmente casadas (53 homens e 53 mulheres), a maioria de classe média e com nível superior. Foi possível constatar que, no que diz respeito à vivência conjugal, todos os domínios da satisfação conjugal mostraram-se correlacionados aos domínios do ajustamento conjugal. Avaliar a percepção que os cônjuges têm de seus relacionamentos implica ter clareza da complexidade que envolve o fenômeno relacionado tanto aos construtos teóricos quanto às inúmeras variáveis presentes no seu estudo (Scorsolini-Comin & Santos, 2011).

Os estudos sobre qualidade conjugal e funcionalidade na família tiveram influência significativa da teoria geral dos sistemas (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010; Von Bertalanffy, 1977), por estimular os pesquisadores a abordarem as interações sociais e familiares como um padrão geral de interação. No contexto das interações sociais e familiares surge o significado e o manejo do dinheiro que podem estar associados à percepção de qualidade conjugal.

SIGNIFICADO E MANEJO DO DINHEIRO E QUALIDADE CONJUGAL

O dinheiro é um dos grandes e potentes intermediários dos relacionamentos interpessoais embora, na Psicologia, seu estudo seja recente (Meirelles & Souza, 2010). Ele participa de todos os momentos da vida econômica cotidiana e, sendo assim, de parte significativa da vida social. O estudo das atitudes frente ao dinheiro e às variáveis relacionadas a ele configura-se num tópico relevante para a Psicologia (Moreira, 2002). O dinheiro possui uma multiplicidade de possíveis significados sendo necessário entender as narrativas dos indivíduos sobre ele. Ele envolve um complexo processo de construção de significados baseado nos relacionamentos interpessoais ao longo do desenvolvimento do indivíduo com as figuras fundamentais de apego (família de origem, amigos próximos e parceiros românticos) e ocorre dentro de limites sociais, históricos e culturais específicos (Meirelles & Souza, 2010).

A convivência e/ou coabitação dos casais traz consigo a necessidade do compartilhamento de inúmeras questões relacionadas às suas famílias de origem, questões afetivas, questões referentes ao trabalho de ambos os cônjuges, desejos compartilhados ou divergentes, bem como o manejo e significado do dinheiro naquela relação (Capriles, 2005). A construção da identidade do homem e da mulher contemporâneos é edificada a partir de uma rede de símbolos econômicos e objetos de consumo. Nesse processo complexo, as pessoas fazem uso do dinheiro para definirem a si próprias e acreditam que ele, além de suprir necessidades do cotidiano, garante a complementação das necessidades criadas pela sociedade atual ou para dar conta das razões inconscientes que movem tais necessidades. Além disso, alguns casais têm seus contratos secretos e o assunto dinheiro não é comentado nem discutido, para evitar desentendimentos mais intensos, colocando o relacionamento conjugal em risco (Capriles, 2005).

Atualmente, os casais vivem imersos numa sociedade onde o consumo tem a função de satisfazer inúmeros desejos que transcendem as necessidades materiais. Os casais estão expostos à superabundância de produtos e de serviços em um contexto social no qual o aspecto econômico é encarado como um novo articulador, essencial para o vínculo conjugal. Nesse sentido, a partir da análise das entrevistas realizadas com quatro

jovens casais, sem filhos e de dupla carreira, Guimarães e Cervený (2010), evidenciaram a influência dos fatores individuais, familiares e sociais na construção do novo modelo financeiro do casal. O surgimento de novos papéis de gênero implica novos contratos com relação às finanças, apesar da predominância, ainda hoje, de menores salários para mulheres do que para os homens. Além disso, os resultados da pesquisa indicaram que os casais discutem sobre finanças antes da união, entretanto, não têm clareza das proporções que esse fator assumirá na relação. Por conseguinte, tal fator exigirá atenção e ajustes constantes ao longo da convivência conjugal (Guimarães & Cervený, 2010).

Outra pesquisa realizada com 143 casais, moradores da região metropolitana de Porto Alegre, casados oficialmente ou morando juntos, com idade entre 19 e 81 anos (Harth, 2013) verificou o manejo do dinheiro pelo casal e revelou que a média de renda dos homens foi maior do que a das mulheres. Evidenciou ainda que 83,9% da amostra referiu conhecer a renda do/a parceiro/a e concordar com os gastos dele/a; 93,5% da amostra afirmou nunca ter cometido situações de infidelidade financeira e 91,9% acreditavam que o/a parceiro/a também nunca tenha realizado tal infidelidade; 58% da amostra utilizava o sistema de gestão compartilhada do dinheiro.

A partir dessa mesma amostra, foi investigada a correlação entre o manejo do dinheiro e a qualidade conjugal. Foi verificado que a qualidade conjugal esteve fortemente associada ao manejo do dinheiro pelos casais participantes, de modo que os casais que manejam o dinheiro conjuntamente foram aqueles que obtiveram melhor índice de qualidade conjugal, maior concordância em relação às finanças e maior grau de felicidade em relação ao relacionamento conjugal. Além dos casais terem a qualidade conjugal correlacionada com o estilo de gerenciamento do dinheiro, eles também possuíam um nível de instrução acima da média da população em geral. Tal fato pareceu auxiliar aqueles casais que apresentaram maior conflito em relação às finanças e é possível que isso tenha fortalecido os casais na busca por estratégias mais funcionais em relação às finanças (Harth, 2013).

Os casais preferem falar sobre sexo ou infidelidades ao invés de falar sobre as finanças da família, ou mesmo sobre quanto dinheiro eles ganham (Atwood, 2012). Falar sobre dinheiro ainda é considerado um tabu e muitas vezes as pessoas

tornam-se adultos com atitudes irracionais, com crenças e ansiedades relacionadas ao dinheiro e com dificuldades de manejá-lo. Quando esses indivíduos iniciam um relacionamento conjugal, essas ansiedades tendem a surgir, trazendo dificuldades na relação.

Atwood (2012) argumenta que a satisfação com relação ao casamento parece aumentar com a renda e com a concordância mútua dos cônjuges quanto à sua distribuição. Quando os parceiros estão decepcionados com a quantidade de dinheiro que o casal possui, eles referem menos satisfação na relação como um todo. Além disso, quando existe uma disparidade de renda entre os cônjuges, pode ocorrer um desequilíbrio de poder na relação e o cônjuge que ganha mais terá mais poder decisório. Nesse aspecto, é relevante considerar a questão de qual sexo ganha mais, pois há diferenças na maneira de homens e de mulheres se relacionarem e gerenciarem o dinheiro. Homens comumente preferem ganhar mais do que a mulher, ou ao menos preferem não depender do dinheiro dela. Quando esta tiver maior renda, é comum para os casais ocultarem esse fato dos outros ou minimizar a contribuição monetária dela.

Outra pesquisa sobre as pressões financeiras e o tempo associados à vida de trabalho dos cônjuges (Poortman, 2005) sustentou a hipótese de que maiores tensões financeiras são responsáveis pelo maior risco de divórcio quando os maridos trabalham, em média, menos horas que as mulheres durante os primeiros anos de casamento. Além disso, os casais que enfrentam mais problemas financeiros e aqueles que passam menos tempo juntos apresentam um risco maior de divórcio.

Um aspecto relevante pontuado por Atwood (2012) refere-se ao fato de os níveis de confiança a respeito do dinheiro diferirem entre os gêneros, pois mulheres esperam elogios dos maridos por suas contribuições monetárias mais do que os homens por suas esposas. Os homens têm sentimentos mais fortes (poder) sobre sua renda do que as mulheres. Eles acreditam que são bons com dinheiro e que as mulheres não têm essa confiança, apesar de ambos serem classificados como tendo o mesmo conhecimento sobre o dinheiro. Por exemplo, quando os homens ganham dinheiro no mercado de ações, acreditam em si mesmos como sendo bons investidores e quando perdem dinheiro, julgam seus assessores como culpados. Quando as mulheres ganham dinheiro no mercado de ações, creditam aos assessores a competên-

cia e, quando perdem dinheiro, julgam-se culpadas (Atwood, 2012).

Uma pesquisa realizada por Mosmann e Falcke (2011) com 149 casais, buscou identificar os motivos de conflitos conjugais e sua frequência nas relações, sob a perspectiva da teoria sistêmica. Os conflitos apontados pelos casais foram: (1) relação com os filhos; (2) tempo que desfrutaram juntos; (3) dinheiro; (4) tarefas domésticas; e (5) sexo e questões legais. As diferentes dimensões que compõem a qualidade conjugal são complexas e subjetivas e identificar os motivos de conflito mais comuns presentes na conjugalidade pode auxiliar o desenvolvimento de intervenções, pois uma relação saudável não está associada diretamente à ausência de conflito, mas à capacidade de os cônjuges estabelecerem estratégias para solucioná-los.

Segundo dados divulgados pelo *RTI International* – Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos (2009), os relacionamentos podem se tornar mais vulneráveis com o acúmulo das dívidas. Quando as pessoas se casam, fazem planos e acordos sobre suas vidas, suas finanças, sua história financeira e sobre a forma como lidam com as finanças. As possíveis dívidas trazidas para um casamento representam um dos maiores problemas para os jovens casais. Com o aumento da dívida, a satisfação conjugal diminui, o casal tem menos tempo junto e, quando estão juntos, o assunto em pauta tende a relacionar-se às possíveis estratégias financeiras e frustrações recorrentes.

Uma pesquisa realizada por Boyle (2012) fornece uma investigação inicial relacionada à percepção da propriedade do dinheiro e fatores do relacionamento conjugal. Os resultados evidenciaram que os indivíduos, que no exercício de sua conjugalidade, percebem o dinheiro como propriedade conjugal relataram níveis mais baixos de comunicação negativa que, por sua vez, estão associados com os níveis mais elevados de satisfação financeira e conjugal e menores níveis de instabilidade conjugal. O autor refere que esses casais estão menos propensos a relatar interações negativas no relacionamento, o que pode ocorrer devido a um sentimento de unidade e do desejo de trabalhar juntos para o bem comum. Embora esses dados não possam ser generalizados, acrescentam aspectos relevantes para refletir sobre relações conjugais e finanças. Burgoyne, Reibstein, Edmunds e Routh (2010) exploraram conceitos de compromisso e estilos de gestão do dinheiro em 42

casais heterossexuais em dois momentos do ciclo vital: (1) pouco antes do casamento e (2) cerca de um ano depois do casamento. Os resultados mostraram que os casais com um ano de convivência apresentaram uma concepção mais elaborada de compromisso conjugal e uma maior tendência a tratar o dinheiro como um recurso coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão narrativa da literatura realizada com o intuito de caracterizar e compreender as possíveis relações existentes entre casamento, qualidade conjugal e dinheiro, evidenciou-se a existência de uma interfase entre esses três aspectos. Essa interface não é estática, pois se modifica ao longo do desenvolvimento do ciclo conjugal. Em cada nova fase novas decisões necessitam ser tomadas e a maneira como o casal maneja o dinheiro interfere no grau de sua qualidade conjugal.

Outro aspecto relevante evidenciado pela literatura pesquisada diz respeito à necessidade do dinheiro ser assumido como pertencente à unidade conjugal e não a dois indivíduos independentes. O diálogo sobre as finanças deve ser tomado como uma diretriz para o manejo do dinheiro no exercício da conjugalidade. Se o casal, na fase de aquisição, assumir o dinheiro como pertencente à unidade conjugal, e se o diálogo sobre como será distribuída a renda conjugal for constante, os cônjuges poderão obter maiores níveis de qualidade na relação marital. O diálogo sobre a forma de manejo das finanças conjugais faz com que o casal se depare com aspectos relacionados às crenças, ao aprendizado recebido das famílias de origem de cada cônjuge e as dificuldades e facilidades individuais.

Por ser uma revisão não sistemática da literatura, e por se tratar de um assunto complexo e com variáveis subjetivas, este artigo apresenta limitações, pois é possível que existam estudos que não foram citados nesta revisão. Entretanto, refletir sobre a influência das finanças na qualidade conjugal, principalmente nos primeiros anos do exercício da conjugalidade, é instigante por ser uma problemática presente no cotidiano dos casais e por se constituir em um instrumento de prevenção da qualidade conjugal no início da relação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Atwood, J. D. (2012). Couples and money: The last taboo. *The American Journal of Family Therapy*, 40(1), 1-19.
- Berthoud, C. M. E. (2002). Visitando a fase de aquisição. In: C. M. O. Cervený & C. M. E. Berthoud (Eds.). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 29-57.
- Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., Schmidt, B., & Vieira, M. L. (2013). Relacionamento conjugal e táticas de resolução de conflito entre casais. *Atualidades em Psicologia*, 27(114), 71-85.
- Borges, C. C., & Magalhães, A. S. (2009). Transição para a vida adulta: Autonomia e dependência da família. *Psico*, 40(1), 42-49.
- Boyle, J. (2012). *Shared money, less conflict, stronger marriages: The relationship between money ownership perceptions, negative communication, financial satisfaction, marital satisfaction and marital instability*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Kansas, Kansas, Estados Unidos. Disponível em: <https://krex.k-state.edu/dspace/handle/2097/13638>. (Acessado em 29/10/2014).
- Burgoyne, C. B., Reibstein, J., Edmunds, A. M., & Routh, D. A. (2010). Marital commitment, money and marriage preparation: What changes after the wedding?. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 20(5), 390-403.
- Capriles, M. A. (2005). *Dinheiro: Sanidade ou loucura*. São Paulo: AxisMundi.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2011). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (2002). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (2009). Ciclo vital da família brasileira. In: L. C. Osório & M. E. P. Valle (Eds.). *Manual de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 25-37.
- Cervený, C. M. O., Berthoud, C. M. E., Bergamini, N. B. B., Luisi, L. V. V., Filho, R. C., et al. (1997). *Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T., & Diniz-Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paidéia*, 20(46), 269-278.
- Guimarães, C. M., & Cervený, C. M. O. (2010). O meu, o seu, o nosso dinheiro: Como o dinheiro se articula na vida do jovem casal. *Nova Perspectiva Sistemica*, 38(1), 63-78.

- Harth, J. (2013). *O manejo do dinheiro pelo casal e suas implicações na qualidade conjugal*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil. Disponível em: <http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/psicologia/teses-e-dissertacoes>. (Acessado em 29/10/2014).
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, methods, and research. *Psychological bulletin*, 118(1), 3.
- Madanes, C., & Madanes, C. (1997). *O significado secreto do dinheiro e como ele atua nas famílias despertando amor, inveja, compaixão e raiva*. Campinas: Editorial Psy.
- Carter, B. & McGoldrick (Eds.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Meirelles, V., & Souza, R. M. (2010). Preenchendo vazios: Dinheiro e relações parentais. In: A. Garcia (Ed.). *Relacionamento interpessoal: Uma perspectiva interdisciplinar*. Vitória: ABPRI, p. 18-27.
- Moreira, A. S. (2002). Dinheiro no Brasil: Um estudo comparativo do significado do dinheiro entre as regiões geográficas brasileiras. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 379-387.
- Mosmann, C. P., Zordan, E. P., & Wagner, A. (2011). A qualidade conjugal como fator de proteção do ambiente familiar. In: A. Wagner (Ed.). *Desafios psicossociais da família contemporânea*. Porto Alegre: Artmed, p. 58-71.
- Matos, Mariana Gouvêa de, & Magalhães, Andrea Seixas. (2014). Tornar-se pais: sobre a expectativa de jovens adultos. *Pensando famílias*, 18(1), 78-91. Recuperado em 28 de setembro de 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: Motivos e frequência. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 12(2), 5-16.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.
- Pergher, K. N. (2010). Variáveis que devem ser consideradas na avaliação da qualidade do relacionamento conjugal. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 1(2), 116-129.
- Poortman, A. R. (2005). How work affects divorce: The mediating role of financial and time pressures. *Journal of Family*, 26(2), 168-195.
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: Um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6(1), 41-49.
- Ronchi, J. P., & Avellar, L. Z. (2011). Família e ciclo vital: A fase de aquisição. *Psicologia em Revista*, 17(2), 211-225.
- Russo, G. (2011). Amor e dinheiro: Uma relação possível?. *Caderno Centro de Recursos Humanos*, 24(61), 121-134.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). Satisfação conjugal: Revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-532.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2011). Ajustamento diádico e satisfação conjugal: Correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 24(3), 439-447.
- Von Bertalanffy, L. (1977). *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes. (Texto original publicado em 1968).

Relations between meaning, handling money and marital quality at the start of the family cycle

ABSTRACT

Studies about money and conjugal quality indicate this is a complex relation, not always explicit, but inherent to current conjugal relationships. This study of narrative literature review aims to investigate relations between management and meaning of money and marital quality in the first phase of the family life cycle. The literature points to correlations between these three aspects and proves that the way the couple handles money interferes with the degree of their marital quality. The article initially approaches the couple's characteristics in the first family life cycle, and later, it presents aspects regarding conjugal quality. Lastly, it approaches the meaning and handling of money by couples in the first phase of the family life cycle and possible relations with conjugal quality.

Keywords: marriage, money, conjugality

Recebido em: 20/10/2015

Avaliado em: 01/11/2015

Correções em: 26/11/2015

Aprovado em: 01/12/2015

Editor: Vinícius Renato Thomé Ferreira